

ILSE LOSA



Sara Reis da Silva

Ilse Lieblich Losa nasceu a 20 de Março de 1913, em Bauer, uma cidade perto de Hanover. A primeira infância foi passada com os avós paternos. Frequentou o liceu em Osnabrück e Hildesheim e o Instituto Comercial em Hanover. Após a morte do pai, partiu para Londres, como *au pair*, onde tomou conta de crianças durante um ano. De regresso à Alemanha e devido à sua ascendência judaica, foi perseguida pela Gestapo e teve de abandonar o seu país. Chegou a Portugal em 1934, radicando-se no Porto, cidade que se torna o seu refúgio e que a vê crescer como escritora. Casa com o arquitecto Arménio Losa e adquire a nacionalidade portuguesa.

Ainda que o seu nome se encontre profundamente ligado à escrita destinada aos mais novos, a sua obra estende-se ao romance, ao conto e à crónica (por exemplo, escreveu uma coluna no *Público*, desde o lançamento deste jornal, em 1990, até finais de 1992). Com colaboração dispersa por jornais e revistas portuguesas e alemãs, de que salientamos o *Jornal de Notícias*, o *Comércio do Porto*, o *Diário de Notícias*, *Neue Deutsche Literatur*, entre outros, Ilse Losa inicia a sua actividade literária, em 1949, com o romance *O Mundo Em Que Vivi*, um caso exemplar de literatura preferencialmente destinada aos adultos que é recebida por jovens¹. É neste mesmo ano que escreve também o livro *Faixa Conta a sua História*, título que inaugura o conjunto vasto de textos situados na comumente designada como literatura para crianças. Perante a recepção feliz desta obra, Ilse Losa começou a escrever para as crianças numa época em que, em Portugal, ao contrário do que se verificava em Inglaterra ou na Alemanha, o livro infantil não era encarado como relevante. E é precisamente nesta área que o seu trabalho é reconhecido com o *Prémio*

¹ Este título é, aliás, indicado nos Programas de Língua Portuguesa do Ensino Básico como obra recomendada.

Calouste Gulbenkian de Literatura para Crianças – Melhor Texto de 1980-1981 pelo livro *Na Quinta das Cerejeiras* e, mais tarde, em 1984, com o *Grande Prémio Gulbenkian de Literatura para Crianças*, pelo conjunto da sua obra. Multiplicam-se, então, os títulos neste universo preenchido, ao longo de quatro décadas, por contos como *Viagem com Wish* (1983) e *Ana-Ana* (1986), por recontos como *Silka* (1989) e *Ora ouve... histórias antiquíssimas adaptadas* (1987), por textos dramáticos como *A Adivinha: peça em quatro quadros* (1967) e *O Príncipe Nabo: peça em três actos baseada numa velha história popular* (1978) ou pela novela *Um fidalgo de pernas curtas* (1958).

Nunca será de mais recordar que a Literatura Portuguesa, em especial a de preferencial recepção infanto-juvenil, deve a Ilse Losa, por exemplo, uma excelente tradução² de *O Diário de Anne Frank*, a coordenação da colecção «Asa Juvenil» (de Edições Asa) e, muito particularmente, um legado literário inigualável e multifacetado no qual encontramos títulos como, apenas para destacar alguns, *Fáisca conta a sua História* (1949), *Um Fidalgo de Pernas Curtas* (1958)³, *Beatriz e o Plátano* (1976), *O Príncipe Nabo* (1978), *A Minha Melhor História* (1979), *Na Quinta das Cerejeiras* (1981), *Viagem com Wish* (1983) ou *Silka* (1984), essa «magnífica parábola sobre a intolerância (...) onde é difícil não ler uma reflexão acerca do destino do povo judeu» (Gomes, 1997: 36)⁴, essa expressão também da «sombra de [essa] outra vida»⁵ de que teve de se desviar. Com Ilse Losa, ganhámos uma voz inconfundível, de memória, que permite também escrever entre o quotidiano e o sonho, uma voz que nunca se cansou de escrever «a valorização da dimensão humana, dos afectos (às pessoas, aos animais e às coisas), o elogio da vida, sem esconder a sua face mais austera e dura, mas valorizando os pequenas nada que a tornam mais suave e mágica» (Sousa, 2002: 129). Porque os livros de Ilse Losa são escritos para todos⁶.

Ilse Losa nunca se cansou de escrever «a valorização da dimensão humana, dos afectos (às pessoas, aos animais e às coisas), o elogio da vida, sem esconder a sua face mais austera e dura, mas valorizando os pequenas nada que a tornam mais suave e mágica».

² Como lembra Luís Miguel Queirós, em «Ilse Losa Uma escritora entre dois mundos», Ilse Losa «deixa-nos um conjunto de importantes traduções, quer de autores alemães, como Brecht, Erich Kastner, Max Frisch ou Anna Seghers, quer de escritores portugueses que traduziu para a sua língua natal.» (Queirós, 2006: 40).

³ Sobre esta obra, vide BARRETO, 2002: 515-516.

⁴ As ilustrações criadas por Manuela Bacelar para *Silka* (1ª ed. : 1984; 2ª ed.: 1990) foram premiadas com a Maçã de Ouro da Bienal de Ilustração de Bratislava.

⁵ Cf. Pina, Manuel António (2006). «A sombra de outra vida» in *Jornal de Notícias* (crónica «Por outras palavras»), 10 de Janeiro de 2006.

⁶ «escrevo para todos e espero que todos me leiam», disse, um dia, Ilse Losa (Almeida, 2006: 41).

Referências Bibliográficas

- ▶ ALMEIDA, Sérgio (2006). «Ilse Losa, a escritora dos afectos faleceu ontem aos 92 anos» in *Jornal de Notícias*, 07 de Janeiro de 2006, p. 41.
- ▶ BARRETO, António Garcia (2002). *Dicionário de Literatura Infantil Portuguesa*. Porto: Campo das Letras.
- ▶ GOMES, José António (1997). *Para uma História da Literatura Portuguesa para a Infância e a Juventude*. Lisboa: MC-IPLB.
- ▶ PINA, Manuel António (2006). «A sombra de outra vida» (crónica «Por outras palavras») in *Jornal de Notícias*, 10 de Janeiro de 2006.
- ▶ QUEIRÓS, Luís Miguel (2006). «Ilse Losa (1913-2006) Uma escritora entre dois mundos» in *Público*, 07 de Janeiro de 2006, p. 40.
- ▶ RISCADO, Leonor (2002). «Ilse Losa Histórias com Memória» in *Malasartes [Cadernos de Literatura para a Infância e a Juventude]*, Nº 8, Abril de 2002, pp. 3-7.
- ▶ SOUSA, Maria Elisa (2002). «Ilse Losa Realidade e Esperança» in RÊGO, Manuela e SÁ, Luís (coord. e org.). *Histórias para gente de palmo e meio*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, pp. 129-135.